

## Sentidos e Significados da Vida Institucionalizada na Visão de Idosos

*Rafaela Henkes<sup>1</sup>*

*Silvia Virginia Coutinho Areosa<sup>2</sup>*

### RESUMO

O envelhecimento da população caracteriza-se hoje como um fenômeno mundial e, além das alterações biológicas, esse fenômeno está gerando transformações nos âmbitos familiares, econômicos, políticos e sociais, suscitando diversos estudos sobre essa temática. É nesse contexto que estão implicadas as Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs), que se constituem como uma alternativa no acolhimento da pessoa idosa. Entretanto, existem aspectos na estrutura e na organização de algumas instituições que geram insatisfação por parte dos seus residentes e, também, da própria sociedade, necessitando, desse modo, uma análise constante para propiciar eventuais reformulações nesses espaços. Assim, esta pesquisa, de cunho qualitativo, objetivou compreender os sentidos e os significados que os idosos, residentes em uma ILPI da cidade de Santa Cruz do Sul-RS, atribuem à experiência da vida institucionalizada. Para a análise dos dados que foram obtidos nesta investigação, através de entrevistas individuais com roteiro semiestruturado, foi utilizado o método fenomenológico proposto pelo filósofo Edmund Husserl, que busca desvendar o fenômeno além da sua aparência, propondo um retorno à totalidade do mundo vivido. O estudo propiciou a compreensão dos diversos elementos que moldam a experiência da vida institucionalizada, que é definida pelo modo singular como cada um dos sujeitos se posiciona em relação a ela e de como essas vivências são por eles concebidas.

**Palavras-chave:** Idosos Institucionalizados; Instituição de Longa Permanência para Idosos; Produção de Sentidos.

## Senses and Meanings of Institutionalized Life on the Elderly Perspective

### ABSTRACT

The aging of the population is characterized today as a worldwide phenomenon and, besides biological changes, this phenomenon is generating transformations in the family, economic, political and social spheres, raising several studies on this theme. It is in this context that the Long-stay Institutions for the Elderly are involved, which constitute an alternative in the elderly care. However, there are aspects in the structure and organization of some institutions that generate dissatisfaction on the part of its residents

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul-UNISC,  
✉ [rafaela0579@yahoo.com.br](mailto:rafaela0579@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Doutora em Psicologia, Departamento de Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul-UNISC,  
✉ [sareosa@unisc.br](mailto:sareosa@unisc.br)

and, also, of the society itself, which needs a constant analysis to provide possible reformulations in these spaces. Thus, this qualitative research aimed to understand the senses and meanings that the elderly, living in a Long Stay Institution for the Elderly in the city of Santa Cruz do Sul, RS, Brazil, attribute to the experience of institutionalized life. The data obtained in this investigation from individual interviews with a semi-structured script, was analyzed through the method proposed by the philosopher Edmund Husserl, who seeks to unravel the phenomenon beyond its appearance, proposing a return to the totality of the lived world. The study provided an understanding of the various elements that shape the experience of institutionalized life, which is defined by the uniqueness in which each of the subjects positions themselves towards it and how these experiences are conceived by them.

**Keywords:** Institutionalized Elderly; Long-stay Institutions for the Elderly; Production of Meanings.

## 1. Introdução

Segundo o IBGE, a expectativa de vida no Brasil da década de 60 estava em torno de 48 anos. Já em 2010, a mesma passou para 73,4, evidenciando um expressivo aumento da longevidade da população. Isso faz com que o envelhecimento demográfico apresente reflexos na estrutura cultural, econômica, política e social da coletividade. (Siqueira, 2001 *apud* Dezan, 2015). Nessa conjuntura, encontram-se as Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs), que se constituem numa opção para o acolhimento da pessoa idosa.

O Regulamento Técnico que rege as normas de funcionamento das ILPIs aponta que essas são incumbidas de cuidar da pessoa idosa, observando as definições do mesmo, sendo que esses locais devem assegurar aos seus residentes os direitos humanos “civis, políticos, econômicos, sociais, culturais e individuais” (Brasil, 2005, p. 3).

No entanto, a institucionalização tende a levar o idoso a valorizar sempre o coletivo ante o individual, ajustando-se à determinação de normas, diminuição da rede social, trabalho e independência financeira, levando-o, por conseguinte, a ter que se adaptar não apenas a alteração do meio físico em que passou a viver, mas também alterar o planejamento da sua vida de maneira brusca e rígida. Isso pode acarretar profundas alterações no sujeito, tanto no aspecto pessoal como no social. Essa alteração de modo de vida, por vezes muito forte, vem assinalada pelo abandono dos filhos, pela perda da liberdade, pela aproximação da morte, pela ansiedade quanto à condução do tratamento pela equipe de saúde, além de outras questões próprias (Lima Fagundes, Esteves, Ribeiro, Siepierski, Silva & Mendes, 2017).

Outrossim, no que concerne as características físicas das ILPIs, destaca-se o pensamento de Goffman (2003), em que o autor afirma que toda instituição apresenta uma propensão ao fechamento, ressaltando que algumas são muito mais fechadas do que outras. A este tipo de lugar, o autor chama de

“Instituição Total”, que é caracterizada pela “barreira à relação social com o mundo externo e por proibições à saída que muitas vezes estão incluídas no esquema físico – por exemplo, portas fechadas, paredes altas, arame farpado [...]” (p. 16). Goffman faz uma crítica aos modos de vida experienciados nesse tipo de instituições e destaca como essa forma de isolamento social atua sobre os sujeitos. Para o autor, a vivência interna do indivíduo faz com que ele passe por transformações radicais que envolvem questões morais e isso faz com que o seu “eu” seja frequentemente mortificado, mesmo que isso nem sempre ocorra propositadamente. Dessa forma, o idoso que passa a residir em uma instituição terá que reinventar o seu mundo conforme as novas experiências vividas, com a dependência e a submissão aos profissionais do local, distante da família, da sociedade e sem a presença de perspectivas. Esse processo de mortificação do “eu” geralmente segue um padrão no interior das instituições totais e é por meio de avaliações a esses modos de funcionamento que poderemos apontar os arranjos que as instituições devem assegurar com o intuito de que os seus integrantes possam preservar o seu “eu civil”.

O trabalho abordou essa realidade e buscou compreender quais os sentidos e os significados atribuídos a essa vivência a partir do olhar do idoso, que é o protagonista nesse cenário. Tendo em vista que o idoso caracteriza-se por ser alguém subjetivado de acordo com seu retrospecto de vida, sua cultura e suas experiências, com um modo peculiar de envelhecer, construindo uma maneira única de interpretar e viver sua velhice (Lima Fagundes et al., 2017), este estudo buscou desvelar qual o sentido que os idosos, residentes de uma ILPI situada na cidade de Santa Cruz do Sul-RS, atribuem à experiência da vida institucionalizada.

## **2. Desafios de um país que envelhece**

O envelhecimento da população nacional se constitui em um grande desafio, o qual o Brasil precisa enfrentar. Para isso, algumas evoluções que dizem respeito aos direitos de cidadania para os idosos já ocorreram, quando em 1994, o País criou a Política Nacional do Idoso, em 2003 quando foi constituído o Estatuto do Idoso e em 2006 a Política Nacional de Saúde do Idoso. O Estatuto do Idoso foi instituído pela Lei Nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, sendo “destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a sessenta anos” (Brasil, 2017, p. 9). Conforme essa Lei, em seu artigo 2º:

*“O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta lei, assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu*

*aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade”* (Brasil, 2017, p. 9).

Neri (2008a, p. 68) aponta que “o envelhecimento compreende os processos de transformação do organismo que ocorrem após a maturação sexual e que implicam a diminuição gradual da probabilidade de sobrevivência.” Para a autora, esses processos são variáveis quanto ao seu início e intensidade, podendo produzir diferentes efeitos nos seres humanos.

As transformações relacionadas ao envelhecimento da população modificaram a rotina de muitas famílias que acabam não dispondo mais de tempo para zelar por seus idosos. Considerando que, muitas vezes, a pessoa idosa necessita de um cuidador mais presente e atento, a família enfrenta dificuldades em abarcar essa demanda e opta pela procura de Instituições de Longa Permanência para Idosos que constituem-se em locais de “amparo e proteção” (Mazza & Lefrève, 2004 *apud* Dezan, 2015). Todavia, viver em uma instituição exige, quase sempre, um refazimento da vida na sua totalidade, o que pode ser uma missão difícil, complicada e solitária (Bessa & Silva, 2008 *apud* Dezan, 2015).

A denominação Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI) foi proposta com o intuito de se obter uma terminologia padrão para esses locais, sendo definida como “estabelecimentos para atendimento integral a idosos, dependentes ou não, sem condições familiares ou domiciliares para a sua permanência na comunidade de origem”. A nova nomenclatura passou a valer de forma definitiva a partir da Resolução 283 da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG) de 2005 (Silva, Azevedo, Farias & Lima, 2017, p. 160).

Referindo-se a institucionalização da pessoa idosa, Lima Fagundes *et al.* (2017) apontam que certos aspectos são fundamentais, como residir sozinho, viuvez, ausência de cuidador em sua residência, suporte social precário, aposentado percebendo baixo rendimento, elevado grau de dependência física, estágios terminais de doença, necessidades de reabilitação, elevação de despesas com a saúde, entre outros. O artigo 229 da Constituição Federal prevê que a família, a sociedade e o Estado têm que “amparar” a pessoa idosa, enquanto o artigo 3º do Estatuto do Idoso também cita essa obrigatoriedade. Da mesma forma, discórdias familiares e intergerações também podem ocasionar a transferência do idoso do meio familiar para uma ILPI.

As normas de funcionamento das ILPIs são regulamentadas e fiscalizadas pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária-ANVISA sob a égide da RDC 283/05, que se aplica a qualquer instituição que abrigue idosos de maneira integral, nos moldes de residência, sendo ela governamental ou não (Brasil, 2005). Conforme esse Regulamento, entre os princípios que devem ser atendidos pelas ILPIs estão a observância e a garantia dos Direitos dos Idosos, entre eles a liberdade de ir e vir e a liberdade

relacionada às crenças de cada um deles. Também, aos idosos deve ser assegurado um meio de interação acolhedor, constituído de dignidade e respeito, favorecendo a preservação da sua privacidade e identidade. Deve ser promovida a integração dos seus residentes com atividades oferecidas pela comunidade local, com pessoas de gerações diferentes, buscando incentivar a participação da família e demais membros da sociedade na atenção aos idosos. “Desenvolver atividades que estimulem a autonomia dos idosos; promover condições de lazer para os idosos tais como: atividades físicas, recreativas e culturais; prevenir e coibir qualquer tipo de violência e discriminação contra pessoas nela residentes” também se constituem como dever desse tipo de instituição (Brasil, 2005, p. 3).

Nesse sentido, o foco da atenção é para as práticas de acolhimento e para a sua relevância dentro das ILPIs. O acolhimento pode pautar-se em uma “capacidade acolhedora”, apostando em uma reorganização do espaço físico da instituição, em que as mudanças sejam pensadas individualmente para cada ambiente, compreendendo o que os usuários daquele local desejam, na possibilidade de um diálogo menos hierarquizado entre profissionais, idosos e familiares e na produção de “relações acolhedoras coletivamente. [...] Pode [...] ser tomado como um efeito e um conjunto de processos que desembocam em uma ampliação da capacidade-acolhedora da instituição” (Oliveira, 2011, p. 51).

Por todo o exposto, ao considerar que a institucionalização promove interrupções de laços afetivos, dificultando o acesso da pessoa idosa às estruturas da sua história existencial, a Instituição de Longa Permanência para Idosos deveria se constituir no lugar onde o desenvolvimento dos seres fosse constantemente incentivado, a fim de contribuir para que eles consigam reaver a sua identidade, conhecendo o seu retrospecto de vida e a si próprios, fazendo com que a instituição possa tornar-se um “espaço potencial para a existência do idoso” (Dezan, 2015, p. 40).

### **3. Método**

A pesquisa constituiu-se em um estudo exploratório-descritivo, de cunho qualitativo, que se valeu de uma amostra intencional de 10 sujeitos residentes em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos. A Instituição é de caráter filantrópico e situa-se na cidade de Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul. A amostra foi definida a partir da análise de prontuários, em que constavam instrumentos aplicados anteriormente como o Mini Exame do Estado Mental. A partir dessa análise, os participantes, cinco homens e cinco mulheres, foram selecionados tendo como critério a sua capacidade cognitiva para a compreensão das questões propostas.

Por tratar-se de um estudo com seres humanos, a pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) e aprovada sob parecer número 2.773.903. Foram realizadas entrevistas individuais, com roteiro semiestruturado, na Instituição em que os idosos

residem. O diálogo entre o entrevistador e o entrevistado foi gravado em áudio e, posteriormente, transcrito para a análise dos dados obtidos. Os nomes dos participantes foram mantidos em sigilo e os áudios, ao final do estudo, descartados.

Buscando desvelar o sentido e os significados que os idosos atribuem à vida institucionalizada, para a análise dos dados foi utilizado o método fenomenológico pelo fato dele estar orientado para os “significados do perceber, ou seja, ‘...para expressões claras sobre as percepções que o sujeito tem daquilo que está sendo pesquisado, as quais se expressam pelo próprio sujeito que as percebe’” (Martins & Bicudo, 1989 apud Coltro, 2000, p. 39). Ressalte-se que a fenomenologia é determinada pela evidência ao “mundo da vida cotidiana”, considerando os fatos observáveis, mas, principalmente, buscando aprofundar-se nas suas circunstâncias e nos seus significados, valendo-se de métodos que propiciem um entendimento do fenômeno a partir de explicações que descrevam a vivência social (Boss, 1979 apud Coltro, 2000).

A pesquisa valeu-se também do método fenomenológico-hermenêutico, que enfatiza a hermenêutica, ou seja, a forma de interpretação, que constitui-se como um “trabalho do pensamento que consiste em decifrar o sentido aparente, em desdobrar os sinais de significação implicados na significação literal [...]” (Masini, 2000, p. 63). Nesta abordagem, “a validação da prova científica é buscada no processo lógico da interpretação e na capacidade de reflexão do pesquisador sobre o fenômeno objeto do seu estudo” (Martins, 1994 apud Coltro 2000, p. 39). O método busca esclarecer o fenômeno interessando-se não pelos “fatos em si”, porém pelos “seus significados” (Forghieri, 1993, p. 54).

#### **4. Discussão dos fenômenos: desvelando os sentidos**

A análise dos relatos dos idosos, efetuada a partir do método fenomenológico de pesquisa, revelou a diversidade de elementos que constituem a experiência da vida na Instituição. Os fenômenos evidenciados foram divididos em temas representativos dessa experiência, abordando os aspectos que foram considerados mais relevantes na fala dos entrevistados.

##### **4.1 Visão sobre a ILPI**

Relatos com uma visão positiva sobre a vida na Instituição emergiram nas falas dos idosos, sinalizando que o local lhes propicia meios de interação com outras pessoas, o que não ocorria antes, devido a vida solitária em casa. Lima Fagundes et al. (2017) ressaltam que existem alguns aspectos essenciais que contribuem para que o idoso ingresse em uma ILPI, como “viuvez, morar sozinho ou ausência de companheiro, ausência de cuidador domiciliar, aposentadoria com rendimento baixo,

suporte social precário, aumento de gastos com a saúde, estágios terminais de doença, alto grau de dependência física e necessidades de reabilitação” (p. 212-213).

A realização de atividades de lazer, como as festas, contribui para uma maior qualidade de vida dos sujeitos internos, o que busca atingir alguns dos princípios estabelecidos para o funcionamento das ILPIs. Nesse sentido, Brasil (2005) aponta como um dos fundamentos a serem seguidos por essas instituições, o de promover atividades que incentivem a autonomia dos seus residentes e proporcionar momentos de lazer para os mesmos, com atividades físicas, culturais e recreativas.

*“Me sinto bem, feliz! Porque lá na minha casa [...] eu tava sozinho. Lá na minha casa eu caía no terreno eu ficava deitado. [...] Tinha que esperar chegar gente. Gritar não adiantava, a vizinha não me escutava. Então, aqui não! Aqui eu tô no meio de gente vinte e quatro horas. Aqui eu sou outra pessoa.”* (Entrevistado 2).

*“[...] A comida é boa! Sempre tem uma coisa diferente. Às vezes tem bolo. Hoje mesmo tem uma festa aí.”* (Entrevistado 6).

A satisfação de estar residindo na ILPI sugere uma melhora de vida em relação a que era experimentada anteriormente, sendo que essa mudança possibilitou um convívio com um maior número de pessoas e a certeza de tê-las próximas de si para eventuais socorros e interações de entretenimento, originando um significado de segurança e prazer para essa experiência.

Os depoimentos com uma visão negativa de viver no local também surgiram, evidenciando que, se fosse viável, os idosos teriam permanecido residindo em suas casas. Dessa forma, concebem a Instituição como a alternativa de moradia mais apropriada, mas que não consegue substituir de maneira plena a vida que outrora experimentavam em seus lares. Para Bessa e Silva (2008), citadas por Dezan (2015), residir em uma ILPI, geralmente requer que o idoso refaça totalmente a sua vida, o que pode ser uma tarefa difícil e solitária.

*“Saudade da minha casa! [...] O que eu, vou fazer o quê? Louco pra ir pra casa eu tô. [...] Tô acostumado com as minhas coisas lá. Uma agonia, eu nunca fiquei, eu moro há 53 anos lá na, no meu terreno, nunca fiquei longe de casa duas semanas, sempre trabalhando e tava em casa.”* (Entrevistado 4).

*“Não quer dizer que eu gosto né! Eu tô acostumada quase. Eu acho que aqui ninguém diz que gosta de morar [...].” (Entrevistado 10).*

Embora mantenham o desejo de regressarem a seus lares, os idosos apresentam-se cômicos dessa impossibilidade e, diante do fato de estarem institucionalizados e terem que reconstruir suas vidas, fizeram emergir significados de nostalgia relacionados ao modo como viviam anteriormente e de resignação ante o novo estilo de vida.

Algumas comparações entre o antes e o depois da institucionalização emergiram nos depoimentos dos entrevistados, o que representa a expressão de formas de subjetivação anteriores, desenvolvidas através das diferentes situações experienciadas antes da institucionalização. Assim, como frisam Lima Fagundes et al. (2017), o idoso que, antes de chegar à Instituição, construía “seu mundo-vida em meio a sociedade, a família, a um ambiente produtivo e independente, com dinâmicas próprias, necessitará reinventá-lo a partir do momento em que passa a residir em uma ILPI, desconstruindo-o e construindo-o conforme a nova vivência” (p. 213). Fica evidenciado que nesse processo de construção, os aspectos de uma existência anterior se contrastam com as características da nova vida.

*“Eu gosto de fazer uma coisa! Aham! Assim, só sentado não dá! ã! ã! Sabe, lá a gente sempre saía, trabalhava um pouco na vizinha, sempre limpava o pátio lá.” (Entrevistado 9).*

*“Assim, eu quando morava eu tava acostumada, nós tinha ovo, as galinha mesmo; e aqui tá bem pouco. Isso é pouco. Alguns come o que pode, outros deixa.” (Entrevistado 10).*

O estilo de vida, experimentado anteriormente pelos idosos, precisou ser reinventado no momento em que eles passaram a residir na Instituição a fim de que uma nova forma de vivência pudesse ser praticada, demonstrando a existência de processos de reconstrução de modos de subjetivação.

## **4.2 O cuidado na ILPI**

Manifestações que se referem à ILPI como um lugar de cuidado emergiram nos depoimentos, revelando especificidades da assistência recebida. Para alguns idosos, o Local atende de maneira satisfatória as suas necessidades orgânicas, proporcionando uma manutenção e reparação da sua saúde física.

Através dessas declarações, pode-se pensar que a Instituição cumpre de forma esperada o seu papel de cuidar da pessoa idosa. Para Neri (2008b), “cuidar é um processo de dar e receber, um caminho



de mão dupla. Implica responsabilidade, palavra que remete à ideia de responder pelo outro. Implica respeito, que significa olhar para o outro, ou seja, de conhecê-lo e levar em conta as suas características e os seus desejos” (p. 105).

A efetivação desse cuidado vai ao encontro do que propõe o Regulamento Técnico que normatiza o funcionamento das ILPIs. Conforme Brasil (2005), esse Regulamento estabelece que esses locais devem garantir aos seus residentes, entre outros, os seus direitos humanos individuais.

*“Eles cuidam da gente. Eles dão assistência pra gente e tudo mais quando precisa. [...] A gente é bem tratada, né! Tem muita coisa pra comer, pra viver; a gente ganha ajuda né! Tem assistência médica e tudo né. Tem medicação, quando precisa ir no médico a gente vai [...]” (Entrevistado 6).*

*“Cuida bem! Não tem reclamação! Nós ganha bóia! Nós ganha remédio! É tudo que nós precisa né! Não tem outra coisa pra nós! É o banho e remédio e uma caminha pra dormir; e uma enfermeira, um enfermeiro ou um outro pra olhar, pra conversar ali [...]” (Entrevistado 2).*

Ao identificarem o atendimento prestado pela ILPI como sendo efetivo e que atende integralmente as suas mais diversas necessidades, os idosos evidenciaram a presença de um reconhecimento para o cuidado recebido. Todavia, também houve relatos que apontaram algumas insuficiências nesse cuidado que é dispensado aos idosos. Percebeu-se que entre eles há uma preocupação referente a saúde e o bem estar dos demais residentes, fazendo com que reivindiquem uma atenção maior aos idosos acometidos de uma enfermidade mais acentuada, requerendo cuidados mais imediatos para esses.

*“Os baixados mais debilitados, é um pouquinho de falta de atenção que eles não leva logo pro hospital. Tem que se levado logo! [...] Assim tá bom! Tá bom! Só dá uma adiantada pra não se agravar mais a doença.” (Entrevistado 4).*

A insuficiência no quadro de funcionários apareceu na fala dos entrevistados como um aspecto que influi na qualidade do cuidado prestado. Os residentes apontam para o fato de que há um grande número de idosos que fazem uso de cadeira de rodas, apresentando uma maior dependência e que o número de trabalhadores disponível não consegue abarcar.

Visando a qualidade do cuidado prestado aos sujeitos institucionalizados, o Regulamento Técnico, que define as normas de funcionamento das ILPIs, estipula a quantidade de profissionais para

o cuidado ao idoso nessas instituições de acordo com o seu grau de dependência, que pode variar de I a III, incluindo aí os idosos autônomos. (Brasil, 2005).

*“Assim, tá bom. Só a parte dos vô mesmo, dos mais cadeirante, tão, têm muita gente pra eles atenderem, pra carregar, daí eles se enrola todo, não sabe o que faz. [...] É! Muita gente. Eles não vencem. Aí, os mais bom, que nem eu, aí ajuda é, os outros.” (Entrevistado 4).*

A apreensão dos idosos com o estado de saúde dos demais residentes, o receio de que haja um agravamento nos quadros de doença e a solicitação de uma assistência mais imediata para esses casos, confirmou a existência de solidariedade entre os moradores da Instituição.

Ao observar a insuficiência no quadro de trabalhadores que promovem um cuidado mais direto aos internos com um maior grau de dependência, alguns entrevistados expressaram uma preocupação com a qualidade do atendimento prestado a esses.

#### **4.3 Identidade, privacidade e autonomia**

Emergiu nas declarações o fato dos residentes não poderem manter alguns pertences pessoais sob a sua guarda, tendo que se submeter as regras da Instituição que, buscando evitar o acúmulo de objetos e alguns produtos nos dormitórios, recolhe os mesmos. Isso ocasiona descontentamento por parte de alguns idosos e interfere na manutenção da sua identidade.

A identidade é constituída pelo posicionamento que adotamos e com o qual nos identificamos e, além de um processo social, consiste também em uma construção simbólica. Assim, “é marcada por meio de símbolos [...]”, existindo “uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que uma pessoa usa”. Os sujeitos integram as instituições, operando diferentes graus de escolha e autonomia, no entanto cada organização possui um “contexto material, um espaço e um lugar, bem como um conjunto de recursos simbólicos” (Woodward, 2000, p. 9; 30). Stuart Hall (2000), fazendo menção a abordagem discursiva de Foucault, aponta que esta concebe a identidade como um processo inacabado, em que se pode “sempre ganhá-la ou perdê-la”, podendo ser abandonada ou sustentada pelos “recursos materiais e simbólicos” disponíveis aos sujeitos (p. 106).

A conduta da ILPI, que ocasiona a ingerência sobre muitos dos artigos pessoais dos residentes, contribui para promover uma subversão da identidade desses sujeitos e se contrapõe ao que apregoa Dezan (2015), de que a Instituição de Longa Permanência para Idosos deveria se constituir no lugar onde o desenvolvimento dos seres fosse constantemente incentivado, a fim de contribuir para que, assim, eles consigam preservar a sua identidade.

*“Só a única coisa, não precisa ter nada lá no quarto, uma coisa bonita que tu ganha, isso sai tudo. Esses dias nós tinha jogo de bingo, aí eu ganhei muitos prêmios. Eu gostava sempre de jogar, nós tava acostumado lá em cima. [...] Sabe o que, em poucos dias sumiu, até agora, tudo! Tudo! Eles tiraram.” (Entrevistado 10).*

Por outro lado, o fato de alguns internos realizarem certos trabalhos na ILPI lhes propicia uma ocupação do tempo e a possibilidade de se sentirem úteis, constituindo-se como um aspecto que contribui positivamente para a preservação da identidade dos institucionalizados.

Zimmerman (2000), ressalta que os sujeitos mais positivos e saudáveis reúnem melhores possibilidades de adaptação às transformações geradas pelo envelhecimento. Eles tendem a encarar a velhice como uma fase de maturidade, de conhecimento acumulado, de liberdade para responsabilizarem-se por novas ocupações e até de desprenderem-se de alguns encargos.

*“A gente se dá bem com as pessoas né! E tudo. Eu ajudo lá na cozinha também. [...] Eu gosto. O tempo passa ligeiro.” (Entrevistado 6).*

*“[...] Eu gosto também quando eles me chamam, hoje de manhã, ajudei uma coisa, eu gosto de fazer uma coisa. Uma vez ou outra também trabalho na cozinha [...]” (Entrevistado 9).*

A falta de privacidade surgiu como um fator que interfere diretamente na individualidade dos residentes. Concebendo a individualidade como aquilo que se refere a singularidade do sujeito (Duarte, 2004), percebe-se a relevância de que no interior da instituição haja uma preservação do espaço próprio de cada ser, o que contribuirá para a manutenção daquilo que é singular ao idoso, ou seja, da sua individualidade.

*“Eu quero um quarto só pra mim, eles não me dão. Isso que mais me revolta. Eu não sei porquê. ‘Que não pode ficar pessoas sozinha’. Como é que as piores tão sozinhas? [...] Mas, eu gosto sozinha. Eu gosto das minhas coisas arrumadinhas; e sempre têm gente entrando no nosso quarto. Nós temos até chave. Eu tenho aqui! Oh! E sempre têm gente entrando lá.” (Entrevistado 8).*

A impossibilidade de tomar algumas decisões emergiu nos depoimentos dos idosos, denotando um prejuízo na sua capacidade de autonomia. No interior da Instituição, existem normas que devem ser

consideradas; assim, os sujeitos vivenciam um processo de ajustamento a tais determinações, o que lhes causa alguma insatisfação.

Nesse sentido, Goffman (2003) afirma que as entidades que abrigam idosos são configuradas como instituições totais. Nestas, os sujeitos experienciam uma forma de vida fechada e formalmente administrada, constituindo-se como um lugar de residência em um sistema formal. A perda da autonomia, entre outros aspectos, que é permanentemente vivenciada pelos sujeitos institucionalizados, consiste no que Goffman denomina de “mutilação do eu” e inicia um processo chamado de “morte civil”.

*“Aqui embaixo, eu acho que eles, mais cedo, era o problema dos quartos né! Que eles não deixavam a gente querer deitar, dormir. Eu acho que nós semo velho, nós temo problema. Nós subemo a hora que nós podemos se espicha.” (Entrevistado 2).*

*“Porque eu tô aqui, aí eles chegam ali na porta: ‘Seu P., o que tu tá fazendo?’ ‘Tô dando entrevista!’ ‘Ah! Tu não pode!’ Aí eu vou ter que dizer pra ti; ‘Oh! Vamos terminar, eu não posso continuar. Tô proibido fazer.’ Mas, não, não custa nada obedecer também né!? As coisa, se isso é norma da casa. Que que eu quero mais!? Se não pode fazer, eu não faço.” (Entrevistado 1).*

Versando ainda sobre a temática da autonomia dos sujeitos institucionalizados, há relatos que apontam a característica da ILPI como a de uma instituição fechada, em que os internos, por motivos diversos, geralmente não saem do Local, não mantendo uma interação com o mundo social mais amplo.

Na ILPI em questão, há a possibilidade dos idosos internos saírem para passear e até mesmo permanecerem fora do Local por alguns dias, desde que seja com a autorização da ILPI e em companhia de familiares ou outras pessoas responsáveis por eles. Contudo, devido a limitações físicas e/ou psicológicas e também as conjunturas familiares distintas, a maioria dos idosos da Instituição raramente interage com o mundo que está além das estruturas físicas do Local.

*“O negativo é, é a prisão! Que a gente, como é que diz, aqui, num lugar como esse [...]. Então, que a gente não tem, a gente perde a identidade da gente. Como é que diz, você só fica com a, bem, bem entendido, você fica só com a tua vida, só! Mas, assim mesmo como, mandar, também não é você que manda. Então, não, não tem aquela liberdade de, a identidade da gente se vai pras cucuia.” (Entrevistado 1).*

Benelli (2014), discorrendo sobre as instituições totais, aponta que as mesmas não conseguem substituir de maneira plena a cultura antes experienciada. Dessa forma, se os sujeitos permanecerem institucionalizados por um longo período de tempo, pode haver um prejuízo no seu traquejo cultural, o que poderá interferir momentaneamente no enfrentamento de situações que possam surgir no dia a dia da vida civil cotidiana. Para Dezan (2015), a institucionalização favorece o distanciamento de laços afetivos, dificultando uma conexão do idoso com às estruturas da sua história de vida.

De uma maneira geral, percebeu-se que na Instituição, há deficiências no que se refere ao processo de manutenção da identidade, privacidade e autonomia dos seus residentes, aspectos esses que são relevantes para a preservação do “eu” dos sujeitos e para que eles consigam se reconhecer como um ser pleno. Insatisfeitos, porém cientes das dificuldades enfrentadas nesse cenário, os idosos evidenciaram a sua sujeição a essa dinâmica de funcionamento.

#### **4.4 Aposentadoria, renda e violência financeira**

Os idosos institucionalizados recebem um benefício previdenciário mensal, no entanto referiram que não possuem autonomia para administrar esse rendimento, o que lhes causa insatisfação, pois desejando fazer qualquer tipo de aquisição financeira, não encontram a viabilidade necessária para tanto, submetendo-se um longo tempo de espera para satisfazer os seus intentos e, por vezes, o seu pleito é totalmente negado pela Instituição.

Conforme o Art. 35 do Estatuto do Idoso, as ILPIs devem firmar contrato de prestação de serviços com os idosos que acolhem, sendo permitido que as entidades filantrópicas cobrem uma participação dos residentes no seu custeio. Essa cobrança não poderá exceder a setenta por cento do total dos benefícios previdenciários recebidos pela pessoa idosa. (Brasil, 2017).

Neste caso, os idosos institucionalizados mostram-se insatisfeitos pela ingerência nos trinta por cento restantes dos benefícios previdenciários que percebem, e que, a exemplo dos outros setenta por cento, são igualmente administrados pela ILPI, o que pode ser compreendido como uma violência financeira.

Conforme Minayo (2005), o abuso financeiro ao idoso, bastante comum no âmbito familiar, pode ocorrer também em nível institucional. Para a autora, a violência financeira contra pessoas idosas consiste no uso inapropriado, ou ilegal, dos seus recursos financeiros ou de seu patrimônio sem a autorização desses. De acordo com Sampaio, Sousa, Sampaio, Ferreira & Prado (2017), esse tipo de violência pode trazer consequências como “a baixo autoestima, presença de depressões e vários problemas de saúde entre os idosos” (p. 364).

*“Eu sou aposentada né! Mas não ganho um centavo pra, pelo dinheiro né! Fica tudo pra eles! Aí é que tá! Quando eu quero uma coisa eu não ganho. Tô pedindo um roupeiro pra mim, agora tão pra tirar toda a minha roupa, toda as minhas coisas, e fico sem nada, e aí? [...] No mais, é como eu te falei né! É que eu preciso um pouco do dinheiro pra compra uma coisa pra mim que eu quero comer e aí não tem, ai dá um sistema nervoso.” (Entrevistado 6).*

Sem a possibilidade de administrar a parte devida dos seus recursos financeiros (30% da renda) e poder fazer as aquisições desejadas, os idosos expressaram, durante a entrevista, a sua insatisfação quanto ao fato, demonstrando a existência de uma inconformidade em relação a essa conduta da ILPI, que lhes tolhe também a autonomia financeira.

#### **4.5 Relacionamentos interpessoais no interior da Instituição**

No que diz respeito aos relacionamentos interpessoais entre os residentes da Instituição, emergiram relatos que conferem uma conotação positiva para algumas relações. Conforme Dezan (2015), depois de uma longa vivência com familiares e amigos, os idosos institucionalizados necessitam incorporar novas convivências e, geralmente, subjugar o seu estilo particular de vida e a forma como viviam o seu cotidiano.

Diante disso, percebeu-se que alguns dos entrevistados conseguiram assimilar o convívio com os demais residentes da Instituição e, nas relações de companheirismo, construíram um novo grupo em substituição ao grupo familiar.

*“É! Eu tenho muitos amigos bom ali, amigo também, como o P. ali, esse é meu amigão! Nós dorme num quarto só. Nós nunca tivemos uma palavra, não troquemo nunca uma palavra, o tempo que eu cheguei aqui nós se conhece e nunca um falou do outro. Esse é o meu melhor amigo que eu tenho, é o P. ali. [...] Tem uns quantos lá embaixo, tem o ‘moreno’, como é que é ainda o nome dele? O A. também é outro, outra pessoa boa comigo, me ajuda bem.” (Entrevistado 3).*

Por outro lado, idosos trouxeram relatos sobre dificuldades de relacionamento, em que se verifica um convívio ruim entre alguns residentes, com discussões frequentes. Para Bruinsma, Beuter, Leite, Hildebrandt, Venturini & Nishijima (2017), o fato de uma Instituição de Longa Permanência para Idosos acolher pessoas de “diferentes contextos sociais, econômicos e culturais”, contribui para que haja “aversão e rejeição entre os residentes”, favorecendo a ocorrência de conflitos interpessoais entre eles (p. 2).

Esses desentendimentos, causados pela diversidade de comportamentos, são comuns no cotidiano da vida na Instituição e provocam sentimentos de tristeza, nervosismo e baixa autoestima nos idosos.

*“Assim, que tem coisa assim, que eu estou assim nos nervos né! Que eu não gosto assim se eles briga assim, essas coisas eu não gosto.” (Entrevistado 10).*

O convívio diário com sujeitos portadores de distúrbios mentais apareceu nos relatos dos entrevistados como algo que interfere de maneira negativa nos relacionamentos interpessoais dentro da Instituição, sendo que, por vezes, alguns desentendimentos acabam por provocar agressões físicas entre os residentes. Conforme Bruinsma et al. (2017), os padrões físicos, psíquicos, sociais e culturais que constituem os sujeitos são influenciados pelo processo de envelhecimento e, a presença de limitações, como desordens mentais, são responsáveis por modular esse processo, o que pode alterar a convivência entre o sujeito e o meio em que ele estiver inserido.

Considerando que a Instituição abriga um número expressivo de sujeitos acometidos por algum tipo de doença mental, deficiência mental ou doença crônica degenerativa, percebeu-se que os idosos que possuem uma saúde mental adequada construíram estratégias para administrar o convívio diário com esses, mantendo, assim, uma relação distante, com pouca ou nenhuma interação, preservando-se de eventuais conflitos.

*“[...] Outro dia tu vê uma pessoa louca né! Faz coisas né! Horrores né! [...] Pessoas, aqui dentro, pessoas bem normal são poucas. Às vezes eles são normal alguns dias, de repente eles, aparece um dia e tão louco né! A gente vê que não tão funcionando bem, o cérebro deles né!? [...] Eu escuto e não me meto em, assim, na briga dos outros, coisa assim né! Eu procuro ficar longe né!” (Entrevistado 5).*

No relacionamento interpessoal entre os residentes da Instituição, percebeu-se a existência de um convívio harmonioso entre eles, revelando a construção de laços significativos de amizade, que surgiram para substituir o espaço coletivo que os sujeitos integravam antes da institucionalização. No entanto, houve relatos que apontaram a existência de desentendimentos entre alguns, demonstrando a presença de conflitos na sua dinâmica relacional, o que lhes causa uma situação de desconforto. Os relatos de uma dificuldade relacional entre os idosos saudáveis e aqueles que apresentam alguma desordem mental, em que, para evitar conflitos, os primeiros mantêm um certo distanciamento dos segundos, evidencia a existência de uma segregação entre os residentes do local.

No que tange ao relacionamento dos idosos com os profissionais que atuam na ILPI, essa dinâmica mostrou-se acrescida por um diálogo mais horizontal entre profissionais e idosos, em que os primeiros, mesmo estando envolvidos com a grande demanda de trabalho, conseguem dispensar uma atenção aos residentes, possibilitando, assim, contatos permeados por ternura. Nesse sentido, Oliveira (2011) assinala que o acolhimento em um serviço de saúde requer uma relação que produza, ali, um encontro, sendo necessária uma real atenção para esse encontro, que é compreendido enquanto um momento permeado por afetos, necessidades e tempo.

*“São muito bom assim comigo! Eu gosto, de vez em quando um me passa a mão nas costas e, é, e fala comigo, eu gosto, toda, as mulheres que vêm ali, a enfermeira, são muito, tem muito, enfermeira muito bom aqui! Assim, eu tô cuidado muito bem ali! É! [...] Eu não tenho queixa de ninguém aí! Tudo é: ‘vozinho’ pra cá, ô meio ‘véio!’” (Entrevistado 3).*

Por outro lado, relatos de que alguns cuidadores não gostam de ser contestados emergiram nas entrevistas, demonstrando que o relacionamento não é tão fácil para todos os residentes da Instituição. Percebeu-se que os idosos mais questionadores provocam em certos profissionais uma reação negativa, o que os faz sentir receio de possíveis represálias, que podem ocorrer em forma de desconsideração para com o idoso ou de uma postura hostil para com ele.

*“Tu sempre tem que dar razão pra elas. Sempre tem que dar! [...] Se elas vêm aqui e diz: ‘Esse telefone tá errado. Tem que virar ele de bruços.’ Eu tinha que concordar, totalmente. [...] Tem que concordar porque olha, quem não concorda, é só meio vivendo aqui dentro pra ver. Os que concordam, como eu concordo, graças a Deus vivem muito bem.” (Entrevistado 1).*

Dessa forma, mesmo não estando de acordo com a conduta de alguns cuidadores, e para que, assim, seja mais fácil e menos desgastante o convívio com esses, os idosos acabam por assumir uma postura de submissão, com pouca ou nenhuma autonomia para se posicionar diante das situações, sujeitando-se ao rigor dos profissionais. Isso remete ao que Foucault denomina de relações de poder. Para o autor, essas relações de poder estão integradas às práticas institucionais que, por vezes, podem exercer efeitos coercitivos sobre os sujeitos, funcionando em uma dinâmica circular em que a prática do poder postula os efeitos de verdades. (Foucault, 2004 *apud* Castanheira, Correia, 2014).



*“Esses dias a enfermeira queria me trocar deitado, eu disse não! Não adianta! Isso aí é o enfermeiro, ou senão aquele moreno que é professor, que sabe. Ah! Ela se ofendeu! [...] Isso aí eles não aceitam, isso aí tu não pode falar. Eu devia, eu errei! Eu devia ter ficado quieto! Eu me prejudiquei, com a minha boca. Eu era pra ter me calado! [...] Elas não gostaram! Já ficaram me marcando! Já me deram um empurrão ali! Elas não gostaram! E ficaram me marcando! Eu tô na marca! Eu tô no livro delas! A hora que elas puder fazer uma coisinha, que elas puder me cobrar, elas vão me cobrar. Isso não tem dúvida! [...] Eu calo a boca! Eu me afasto! Vou me afastar e vou calar a boca! Não tenho outra saída! É o melhor que eu faço! [...] Não responde! Fica quieto né! Se elas querem pisar em cima, te deita! Deixa pisar! Mas, não responde pra elas. Elas vão se cobrar logo de tarde, ou amanhã. Elas tão com nós na mão! Nós semo dependente delas.” (Entrevistado 2).*

Em que pese os relacionamentos interpessoais com os trabalhadores da ILPI terem sido mencionados como harmoniosos, pautados na atenção e no contato afetivo, alguns testemunhos evidenciaram a existência de relações de poder no Local, em que certos profissionais, não admitindo contestações, exercem um autoritarismo sobre os internos, que, por receio de sofrerem algum tipo de retaliação, assumem uma postura de subjugação.

Embora tenham manifestado sentimentos de nostalgia em relação a vida que experimentavam anteriormente em seus lares, os sujeitos conceberam a vivência na Instituição como a melhor alternativa para o seu momento existencial, evidenciando que, para que conseguissem dispor da vida na ILPI de uma maneira o mais natural possível, lançaram mão de recursos internos de adaptação.

## **5. Considerações finais**

O presente estudo teve como objetivo geral compreender os sentidos e os significados que os idosos atribuem à vida institucionalizada e, especificamente, verificar a sua visão sobre a ILPI e as suas percepções frente aos vínculos estabelecidos com outros residentes e com os profissionais atuantes na Instituição. Analisando os fenômenos que emergiram dos relatos, foi possível desvelar os significados da vivência na Instituição sob a ótica da pessoa idosa, que é a protagonista nesse cenário.

Ao manifestarem a sua visão sobre a ILPI, os internos atribuíram-lhe significados positivos como o de segurança e prazer, evidenciando a sua satisfação em residir no Local. Sentimentos de nostalgia em relação à vida que outrora experimentavam foram revelados pelos entrevistados, produzindo relatos que trazem um significado de resignação para a nova experiência de vida. Depoimentos com uma visão negativa do Local revelaram que alguns concebem a Instituição como a única alternativa viável para

viverem essa fase da existência, atribuindo um significado de aceitação para essa circunstância. Ao revelarem situações que apontam insuficiências no que diz respeito ao processo de manutenção da sua identidade, privacidade e autonomia, os residentes, em que pese sentirem-se insatisfeitos com a dinâmica de funcionamento do Local, mantém uma postura de sujeição frente a essa.

Com a análise fenomenológica das entrevistas foi possível perceber os diferentes aspectos que moldam a experiência da vida institucionalizada, que é determinada pela maneira singular como cada um dos sujeitos se posiciona em relação a ela e de como essas vivências são por eles concebidas, concluindo que a produção de sentido consiste em um recurso interno e obedecerá a história individual de cada ser.

Acreditamos que este estudo teve a limitação metodológica de trabalhar com um recorte muito pequeno de pessoas e que outros estudos, com um número maior de participantes e um número maior de instituições, seriam interessantes para verificar se esses sentidos e significados aparecem de forma consistente, favorecendo a compreensão da vida institucionalizada.

Esperamos que esta pesquisa possa contribuir para a reflexão acerca da realidade dos idosos institucionalizados e sirva para evidenciar a importância de que as ILPIs sejam constantemente analisadas a fim de que possíveis reformulações nesses espaços sejam consideradas e que o sujeito idoso possa ser visto como um ser pleno, detentor de direitos e portador de potência de vida.

## Referências

- Benelli, S. J. (2014). A lógica da internação: instituições totais e disciplinares (des)educativas. *Editora Unesp Digital*. 252p. Retirado em 14/10/18, do SciELO (Scientific Electronic Library Online): <http://books.scielo.org/id/74z7q/pdf/benelli-9788568334447.pdf>
- Brasil (2017). Estatuto do Idoso. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003 (Estatuto do idoso), e legislação correlata (5ª ed.). Edições Câmara. Retirado em 04/03/18, do Estatuto do Idoso: [file:///E:/Perfil/Downloads/estatuto\\_idoso\\_5ed.pdf](file:///E:/Perfil/Downloads/estatuto_idoso_5ed.pdf)
- (2005). Resolução de Diretoria Colegiada - RDC nº 283, de 26 de setembro de 2005. Ministério da Saúde - Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA. Retirado em 04/03/18, do Portal Anvisa: [http://portal.anvisa.gov.br/documents/10181/2718376/RDC\\_283\\_2005\\_COMP.pdf/a38f2055-c23a-4eca-94ed-76fa43acb1df](http://portal.anvisa.gov.br/documents/10181/2718376/RDC_283_2005_COMP.pdf/a38f2055-c23a-4eca-94ed-76fa43acb1df)
- Bruinsma, J. L., Beuter, M., Leite, M. T., Hildebrandt, L.M., Venturini, L., & Nishijima, R. B. (2017). Conflitos entre idosos institucionalizados: dificuldades vivenciadas pelos profissionais de enfermagem. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, 21(1), 1-8.

- Castanheira, M. A. A. F., Correia, A. (2014). *A constituição do sujeito em Michel Foucault: práticas de sujeição e práticas de subjetivação*. Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia – UFG, 1-5.
- Coltro, A. (2000). A fenomenologia: um enfoque metodológico para além da modernidade. *Caderno de Pesquisas em Administração, São Paulo, 1(11)*, 37-45.
- Dezan, S. Z. (2015). O envelhecimento na contemporaneidade: reflexões sobre o cuidado em uma instituição de longa permanência para idosos. *Revista de Psicologia da UNESP, 14(2)*, 28-42.
- Duarte, N. (Org.) (2004). *Crítica ao fetichismo da individualidade*. Campinas: Autores Associados.
- Forghieri, Y. C. (1993). *Psicologia fenomenológica: fundamentos, métodos e pesquisas*. São Paulo: Pioneira.
- Goffman, E. (2003). *Manicômios, prisões e conventos (7ª ed.)* São Paulo: Editora Perspectiva.
- Hall, S. (2000). Quem precisa da identidade? In: Silva, T. T. (Org.), Hall, S., Woodward, K. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais (103-133)*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Lima Fagundes, K. V. D., Esteves, M. R., Ribeiro, J. H. M., Siepierski, C. T., Silva, J. V., & Mendes, M. A. (2017). Instituições de longa permanência como alternativa no acolhimento das pessoas idosas. *Rev. Salud Pública, 19(2)*, 210-214.
- Masini, E. F. S. (2000). Enfoque fenomenológico de pesquisa em educação. In: Fazenda, I. (Org.). *Metodologia da pesquisa educacional (p. 59-67)*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- Minayo, M. C. (2005). *Violência contra idosos: o avesso do respeito à experiência e a sabedoria*. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Texto: Maria Cecília de Souza Minayo. 2. ed. Retirado em 15/10/18: [http://www.observatorionacionaldoidoso.fiocruz.br/biblioteca/\\_livros/18.pdf](http://www.observatorionacionaldoidoso.fiocruz.br/biblioteca/_livros/18.pdf)
- Neri, A. L. (2008a). *Palavras-chave em gerontologia (3ª ed.)*. Campinas, SP: Editora Alínea.
- (2008b). As necessidades afetivas dos idosos. In: CRP – Conselho Federal de Psicologia. *Envelhecimento e Subjetividade: desafios para uma cultura de compromisso social*. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia, (103-110). Retirado em 26/03/18: [http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2009/05/livro\\_envelhecimentoFINAL.pdf](http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2009/05/livro_envelhecimentoFINAL.pdf)
- Oliveira, G. N. (2011). Clínica ampliada e acolhimento: desafios e articulações em construção para a humanização hospitalar. In: Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. *Cadernos HumanizaSUS: Atenção Hospitalar*. Distrito Federal: Ministério da Saúde, 3(B), 51-62. Retirado em: 26/03/18, dos Textos Básicos de Saúde: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cadernos\\_humanizasus\\_atencao\\_hospitalar.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cadernos_humanizasus_atencao_hospitalar.pdf)
- Sampaio, T. S. O., Sousa, V. P., Sampaio, L. S., Ferreira, M. J. S., & Prado, A. P. S. (2017). Violência financeira em idosos. *Revista Eletrônica da FAINOR, 10(3)*, 363-375. Retirado em 15/10/18: <http://srv02.fainor.com.br/revista/index.php/memorias/article/viewFile/665/350>
- Silva, N. M. N., Azevedo, A. C. S., Farias, L. M. S., & Lima, J. M. (2017). Caracterização de uma instituição de longa permanência para idosos. Cuidado é fundamental. Universidade Federal do Rio

de Janeiro – *Escola de Enfermagem Alfredo Pinto*, 9(1), 159-166. Retirado em 25/03/18:  
<http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/5304>

Woodward, K. (2000). Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Silva, T. T. (Org.), Hall, S., Woodward, K. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais* (7-72). Petrópolis, RJ: Vozes.

Zimmerman, G. I. (2000). *Velhice: aspectos biopsicossociais*. Porto Alegre: Artmed.

*Recebido em: 12/03/2019*

*Aprovação final em: 15/06/2019*